

# Semiótica

## Teoria e classificação dos signos

### Por que estudar Semiótica?

Qual sua importância para o design, para a comunicação? Como utilizá-la como ferramenta de análise? Muitas perguntas nos rodeiam ao deparar com essa palavra um pouco diferente do vocabulário tradicional, mas de tamanha importância para nossa profissão. O grande objetivo de entender e aplicar a Semiótica é ter um olhar mais apurado, mais crítico, mais sensível. É saber a razão das coisas estarem ali, naquela embalagem, naquele anúncio. É saber utilizar elementos e signos apropriados para cada linguagem, para cada construção de sentido. Nos próximos parágrafos você irá encontrar uma pequena introdução para se familiarizar com esse mundo cheio de significados em que vive, e descobrir que Semiótica vai muito além do olhar, ultrapassa os limites da interpretação.

### Vamos começar do início!

A etimologia da palavra Semiótica deriva da raiz grega **semeion**, que significa **signo**. Ela é a Ciência Geral de todas as linguagens.

### O que é?

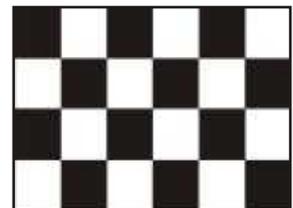
Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura. É a ciência que tem por investigação todas as linguagens e processos comunicativos possíveis.

Santaella enfatiza que *“considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como prática significante, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido”*. A Semiótica busca descrever e analisar nos fenômenos a sua constituição como Linguagem, a sua ação de Signo.

Segundo Winfried Nört *“a Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura”* (1995:19). A investigação Semiótica abrange virtualmente todas as áreas do conhecimento envolvidas com as linguagens ou sistemas de significação, tais como a linguística (linguagem verbal), a matemática (linguagem dos números), a biologia (linguagem da vida), o direito (linguagem das leis), as artes (linguagem estética, a comunicação social (linguagem das mídias), a publicidade (linguagem da sedução e da persuasão) etc. Para Lúcia Santaella, *“é a ciência que tem como objetivo investigar todas as linguagens possíveis”* (1983: 15), isto é, todas as que já existem e as que ainda estão por ser criadas. Essa definição enfatiza a potencial importância da Semiótica para a Arte e as novas tecnologias quanto ao desenvolvimento de novas linguagens.

### O signo produz um efeito interpretativo.

O que você interpreta nessas composições?



# Semiótica de Charles Peirce

“O simples ato de olhar está carregado de interpretação”

Charles Sanders Peirce

A Semiótica é uma das disciplinas que fazem parte da ampla arquitetura filosófica de Peirce. Essa arquitetura está alicerçada na **fenomenologia**.

## Fenomenologia

Uma quase-ciência que investiga os modos como aprendemos qualquer coisa que aparece a nossa mente. Qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como cheiro, um formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista, etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc., enfim, tudo que se apresenta à mente. Essa quase-ciência fornece as fundações para as três ciências normativas: **estética, ética e lógica**. Todas são disciplinas muito abstratas e gerais que não se confundem com ciências práticas. A estética, ética e lógica são chamadas normativas porque elas tem função de estudar idéias, valores e normas.

Que ideais guiam nossos sentimentos? Responder essa questão é tarefa da **estética**. Que ideais orientam nossa conduta? Essa é tarefa da **ética**. A **lógica**, por fim, estuda os ideais e normas que conduzem o pensamento.

A estética visa determinar o que deve ser ideal último, o bem supremo para o qual nossa sensibilidade nos dirige. De acordo com Peirce, esse ideal é admirável em si, aquilo que é puro e simplesmente admirável e por isso mesmo, nos chama para si. Peirce concluiu que é aquilo que atrai a sensibilidade humana.

Não pode haver nada mais admirável do que encorajar, permitir e agir para que idéias, condutas e sentimentos razoáveis tenham a possibilidade de se realizar. É para esse admirável que nosso empenho ético e a força de nossa vontade devem ser conduzidos. Por esse estudo do raciocínio concreto, a lógica nos fornece os meios para agir razoavelmente, especialmente através da crítica que o pensamento lógico nos ajuda a desenvolver.

A lógica é a ciência das leis necessárias do pensamento e das condições para se atingir a verdade. A lógica, também chamada de semiótica, trata não apenas das leis do pensamento e das condições da verdade, mas, para tratar das leis do pensamento e da evolução, deve debruçar-se, antes, sobre as condições gerais dos signos. Deve estudar, inclusive, como pode se dar à transmissão de significados de uma mente para outra e de um estado mental para outro.

Para Peirce, as realizações humanas configuram-se no interior da mediação da linguagem em seu sentido mais amplo. Para ele, não é possível qualquer ato de cognição a não ser que seja determinado por uma outra cognição prévia, na medida em que todo pensamento implica a interpretação ou representação de alguma coisa por outra coisa. Desta maneira, todo pensamento está inextricavelmente ligado às funções de representação por não ser capaz de interpretar a si próprio. Esta interpretação deve se realizar somente por meio do signo.



**Charles Sanders Peirce**  
(1839 - 1914)

**Peirce** era, sobretudo, um cientista e um lógico (Lógica das Ciências). Ele também foi matemático, físico, astrônomo, e deu contribuições importantes em outras áreas como a linguística, filosofia, história e psicologia.

# Conceito de Signo

Signo, segundo Peirce, é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto e que produz um efeito interpretativo.

*“Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto... ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade.”* (Santaella, p.58). Corresponde algo que, de certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de interpretante e a “coisa” representada é conhecida pela designação de objeto. Estas três entidades formam a relação TRIÁDICA de signo.

Os signos estão presentes em nosso cotidiano, seja numa cena de novela ou filme, teatro, numa fotografia, numa página de jornal, num anúncio publicitário, enfim, em tudo que nos cerca. O que nos resta é saber interpretá-los.

## Categorias dos signos:

Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

### Como essas categorias funcionam na consciência?

**Primeiridade** é o nome da primeira das três categorias da experiência; é relativa às propriedades de um fenômeno que podem ser descritas por predicados monádicos (X é verde) observados numa entidade considerada em si mesma. Nessa categoria entrariam aspectos fenomenais puramente qualitativos, seria a primeira concepção, segundo Peirce.; ou ainda, uma abstração pura, que é pré-reflexiva, mais ou menos como um sentimento, sensação, ainda não consciente, não elaborado (indizível, intangível).

**Secundidade** é a segunda das categorias da experiência; é a categoria da ocorrência, da existência, em contraposição a primeiridade, que corresponde a categoria do Ser. Qualquer coisa é um segundo na medida em que existe, do que decorre a relação com um outro: algo é um segundo como participante de uma relação diádica. Só acontece a consciência da qualidade de algo em contraste com outra qualidade. A primeira é atemporal; só começa a haver noção de tempo a partir da secundidade. Esta tem caráter accidental e singular. O registro do sentimento é um fato de secundidade.

**Terceiridade**, por sua vez, completa a tríade; corresponde à capacidade que algo tem de interpretar, na medida em que esse algo existe (secundidade) e é (primeiridade). Essa capacidade aponta para o futuro e para um caráter geral. Em sua generalidade, um terceiro tem a ver com o mundo potencial da qualidade e com o mundo factual dos existentes: funciona como a conexão entre a qualidade (primeiro) e o fato (segundo); ela tem o poder de conectar aquilo que é e aquilo que está aí, permitindo o acesso do sujeito ao conhecimento.

A forma mais simples da terceiridade, segundo Peirce, manifesta-se no signo, visto que o signo é um primeiro (algo que se apresenta na mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete).

Para concluir, Primeiridade é sempre a percepção (algo abstrato, rápido), secundidade (a representação/função) e terceiridade (o pensamento completo, dando todo o contexto do signo).



O azul simples e positivo azul é um primeiro, o céu como lugar e tempo onde se encarna o azul é um segundo. A interpretação/representação – síntese intelectual sobre o azul no céu é um terceiro.

# Classificação dos Signos

Os signos são tão numerosos e variados que podem ser divididos em grupos, categorias, classes, para efeito de estudo. A classificação mais conhecida dos signos foi proposta por Charles Peirce e tem um efeito de tríade formada pelo **representamen** – aquilo que funciona como signo para quem o percebe -; **pelo objeto** – aquilo que é referido pelo signo – e pelo **interpretante** – o efeito do signo naquele que o interpreta.

Passemos então a uma definição esquemática das partes que o compõem:

O **representamen** é o sustentáculo de um signo ou aquilo que funciona como signo, remetendo a algo para um interpretante. É através dele que o signo se remete por alguma causa (seja a semelhança, indicação ou convenção) a um objeto.

Este **objeto** exterior ao signo, chamado de objeto dinâmico, é “espelhado” no interior do signo, “imagem” esta que se denomina objeto imediato.

Se encontramos duas facetas para o objeto (o objeto dinâmico e o imediato), para o **interpretante** (que muita gente confunde com um indivíduo, quando na verdade trata-se do resultado interpretativo) vamos encontrar três. A capacidade de um signo produzir algo numa mente qualquer, isto é, seu potencial sígnico, é o interpretante imediato. Para que se dê um processo de semiose é necessário que esse potencial se realize, sempre parcial e singularmente, na mente de alguém ou de um dispositivo interpretativo, ou seja, que se realize um interpretante dinâmico. Se ao signo fosse dada toda condição de realizar-se plenamente, o que é uma situação idealizada, tratar-se-ia de um interpretante final.

O processo de apreensão e compreensão de um signo é chamado de semiose. Ela envolve um movimento espiralado, na medida em que toda apreensão sígnica pode tornar-se o reinício de uma nova semiose (por isso o interpretante é, potencialmente, representamen de um novo signo).



O pintor surrealista Magritte quando pintou esta obra, escrevendo abaixo da mesma: “Isto não é um cachimbo”.  
Você sabe dizer por que?

## Relações sígnicas

Decomposição da estrutura do signo, para efeito didático.

### Tricotomias de Peirce



Para melhor compreender os tipos de signo segundo suas características referenciais e fenomenológicas, Peirce desenvolveu classes ou categorias, organizadas em tricotomias (taxonomias triádicas), na qual estudaremos agora.

# Signo em si ou *Representamen*

“Precisamos dar aos signos o tempo que eles precisam para se mostrarem”

(Lúcia Santaella)

## O que dá fundamento ao signo?

Se qualquer coisa pode ser um signo, o que é preciso haver nela para que possa funcionar como signo? Para Peirce, entre as infinitas propriedades materiais, substanciais, etc. que as coisas têm, há três propriedades formais que lhe dão capacidade para funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência, quer dizer, o simples fato de existir, e seu caráter de lei. Na base do signo, então, como se pode ver, as três categorias fenomenológicas.

O signo em si ou Representamen é algo que integra o processo de representação, passível de ser percebido, sentido. Ele é o suporte das significações que serão extraídas do signo. O Representamen corresponde às dimensões sintáticas e materiais do produto.



## Quali-signo

Uma qualidade que é signo, o quali-signo é o aspecto do Representâmen que diz respeito às suas características que menos particularizam, como as cores, as linhas, formas, as texturas, o acabamento. Para desenvolver essa capacidade, temos de expor pacientemente nossos sentidos às qualidades dos fenômenos, deixá-los aparecerem tão-só e apenas como quali-signos.

## Sin-signo

É o aspecto do signo que já o particulariza e individualiza como ocorrência: sua forma, suas dimensões. Esse segundo tipo de fundamento do signo implica a observação do modo particular como o signo se corporifica, a observação de suas características existenciais, quer dizer, daquilo que é nele irrepitível, único. Para isso, é necessário desenvolver considerações situacionais sobre o universo no qual o signo se manifesta e do qual é parte.

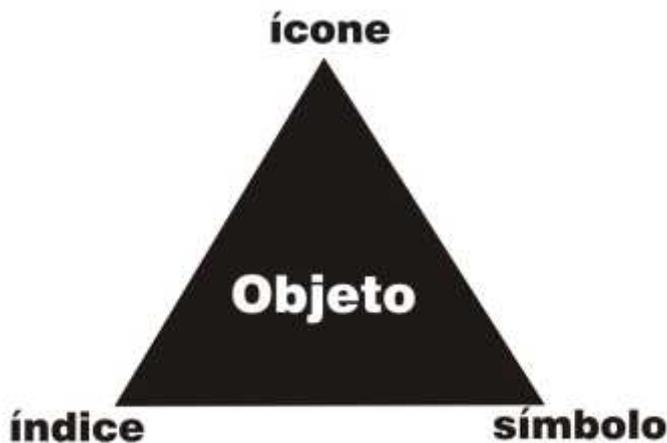
## Legi-signo

É como as conversões e as regras, os padrões se manifestam no Representâmen: as aplicações de perspectiva, o atendimento as normas. Aqui, nasce a capacidade de generalização que os matemáticos levam ao seu ponto máximo. Trata-se aqui de conseguir abstrair o geral do particular, extrair de um dado fenômeno aquilo que ele tem em comum com todos os outros com que compõem uma classe geral.

O que deve ser compreendido nesse passo da análise é que os sin-signos dão corpo aos quali-signos enquanto os legi-signos funcionam como princípios-guias para os sin-signos.

# Objeto

Neste momento da análise, devemos recordar que a relação do signo com o objeto diz respeito à capacidade referencial ou não do signo. A que o signo se refere? A que ele se aplica? O que ele denota? O que ele representa? Para tal, temos de considerar que o signo tem dois objetos: o objeto dinâmico e o objeto imediato. O melhor caminho para começar a análise da relação objetiva é o do objeto imediato. Afinal, parece não haver outro modo de começar, visto que o objeto dinâmico só se faz presente, via objeto imediato, este interno ao signo. O objeto imediato é o modo pelo qual aquilo que o signo representa está, de alguma maneira e em uma certa medida, presente no próprio signo. O objeto imediato depende portanto, da natureza do fundamento do signo, pois é fundamento que vai determinar o modo como o signo pode se referir ou aplicar ao objeto dinâmico que está fora dele. Novamente aqui devemos desenvolver três espécies de olhares.



## Ícone

Signo que aparece como simples qualidade na sua relação com seu objeto. Possui alguma semelhança com o objeto representado. Através de formas e sentimentos, eles têm alto poder de sugestão. Eles tem condições, por isso, de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe. Ex: escultura de uma mulher, uma fotografia de um carro.

Signo ----- Relação de semelhança ----- Referente

## Índice

Signo que se refere ao objeto através de alguma modificação causada pelo próprio objeto. Ex: fumaça é um signo indicial de fogo, um campo molhado é índice de que choveu. Há uma conexão de fato entre eles: ligação de uma coisa com a outra. Em outras palavras o signo e o referente estão próximos um do outro, em relação direta, de maneira que o signo indica o referente e aponta para ele.

Signo ----- Relação direta ----- Referente

## Símbolo

Representação arbitrária do objeto por força de uma associação de ideias. É portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto. Representa um objeto real através de noções abstratas. Em outras palavras, convencionou-se que tal signo representa tal referente, sem lógica ou explicação aparentemente. As pessoas simplesmente aceitam. Ex: o símbolo \$ representa dinheiro, palavras de uma língua, cores (verde, amarelo) representativas.

Signo ----- Relação convencional ----- Referente

Exemplificando:

## Objeto Dinâmico

Show ao vivo



## Objeto Imediato

Show pela Televisão



# Interpretante

O Interpretante consiste nas possibilidades interpretativas do signo. Não confundir com intérprete, que é um sujeito do mundo natural, uma mente Interpretadora que processa o signo. Esse intérprete é o observador capaz de elaborar algum Interpretante proposto pelo signo. As possibilidades interpretativas do signo são inúmeras, podendo até mesmo ser infinitas. A cada momento o intérprete acessa um âmbito dele, sem, contudo, necessariamente esgotá-lo. Portanto, o Interpretante é o que um signo pode gerar na mente de alguém. Como fez quando atribuiu ao signo dois objetos (dinâmico e imediato) Peirce também atribuiu ao signo três interpretantes possíveis, são eles: interpretante imediato, interpretante dinâmico e interpretante final.

O primeiro nível do interpretante é o interpretante imediato, ou seja, o que se encontra dentro do próprio signo, trata-se do potencial interpretativo do signo em si mesmo. Como um livro, por exemplo, não precisa ser lido para ter o seu potencial interpretativo em seu corpo, isto é, o interpretante imediato está no próprio signo verbal presente no livro, independente de que alguém o leia, ou não.

Já o segundo nível do interpretante, denominado de interpretante dinâmico, refere-se ao efeito que o signo produz em uma mente interpretante. Para Peirce, este nível do interpretante é subdividido ainda em três efeitos que são diretamente ligados às três categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade e subdividem-se em: interpretante emocional, energético e lógico.

O terceiro e último nível do interpretante é o interpretante final, e se refere ao resultado interpretativo que a que todo intérprete se destina a chegar. Contudo, com a interpretação deste signo, são gerados novos signos, portanto, não é possível – pelo menos em tese – que esta interpretação final ocorra. Por isso, segundo Santaella, o interpretante final “*é um limite pensável, mas nunca inteiramente atingível*”. Para tornar mais clara e facilitar o entendimento deste interpretante final, Peirce subdividiu-o em três níveis: rema, dicente e argumento.



## Rema

Signo, para o seu interpretante, de uma possibilidade qualitativa; termo ou função proposicional que representa tal ou qual espécie de objeto possível, destituída da pretensão de ser realmente afetada pelo objeto ou lei à qual se refere; elemento de um enunciado possível “*O céu é azul*” é um rema. O que chamamos de estilo é um rema.

## Dicissigno ou Signo dicente

Signo, para o seu interpretante de existência real. É uma proposição ou quase-proposição, envolvendo um rema.

## Argumento

Signo para o seu interpretante, de uma lei, de um enunciado, de uma proposição-enquanto-signo. Ou seja, o objeto de um Argumento, para o seu interpretante, é representado em seu caráter de signo; esse objeto é uma lei geral ou tipo. Envolve um dicissigno.

## Considerações finais

Para concluir essa pequena imersão no grandioso campo da semiótica, tendo em vista o que foi estudado nas páginas anteriores, tem-se a seguir uma tabela esquemática das **relações sígnicas**.

<b>Categoria do signo</b>	<b>Representâmen</b>	<b>Objeto</b>	<b>Interpretante</b>
<b>PRIMEIRIDADE</b>	<b>Quali-signo</b>	<b>Ícone</b>	<b>Rema</b>
<b>SECUNDIDADE</b>	<b>Sin-signo</b>	<b>Índice</b>	<b>Dicente</b>
<b>TERCEIRIDADE</b>	<b>Legi-signo</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Argumento</b>

Pode-se perceber, assim, as categorias de Primeiridade formada por quali-seigno, ícone e rema; Secundidade formada por sin-signo, índice e dicente; e Terceiridade formada por legi-signo, símbolo e argumento. As combinações dos termos são determinadas por possibilidades lógicas que as distinções teóricas permitem. Ou seja, um terceiro pressupõe um segundo, que pressupõe em primeiro. Por isso, não cabe um índice simbólico, pois segundo não pode conter um terceiro.

Frente à complexidade de cada uma das tricotomias até aqui estudadas e tendo em vista um processo inverso de remontagem pós-esquartejante, Peirce propõe que do seu entrecruzamento combinatório resultariam não 27 (3 x 3 x 3 tricotomias), nem 45 (as 27 com os argumentos multiplicados por 3), mas 10 classes possíveis de existência de signos que formam as combinações tricotômicas. Mas isso estudaremos mais a frente.

## Referências bibliográficas

- NIEMEYER, Lucy. Elementos da Semiótica aplicados ao design. Rio de Janeiro. 2AB. 2006.
- NÖTH, Winfried. A Semiótica no Século XX. São Paulo. AnnaBlume. 1996.
- PEIRCE. Charles Sanders. Semiótica. São Paulo. Perspectiva. 1997.
- SANTAELLA, Lúcia. Semiótica Aplicada. São Paulo, Pioneira Thomson Learning. 2002.